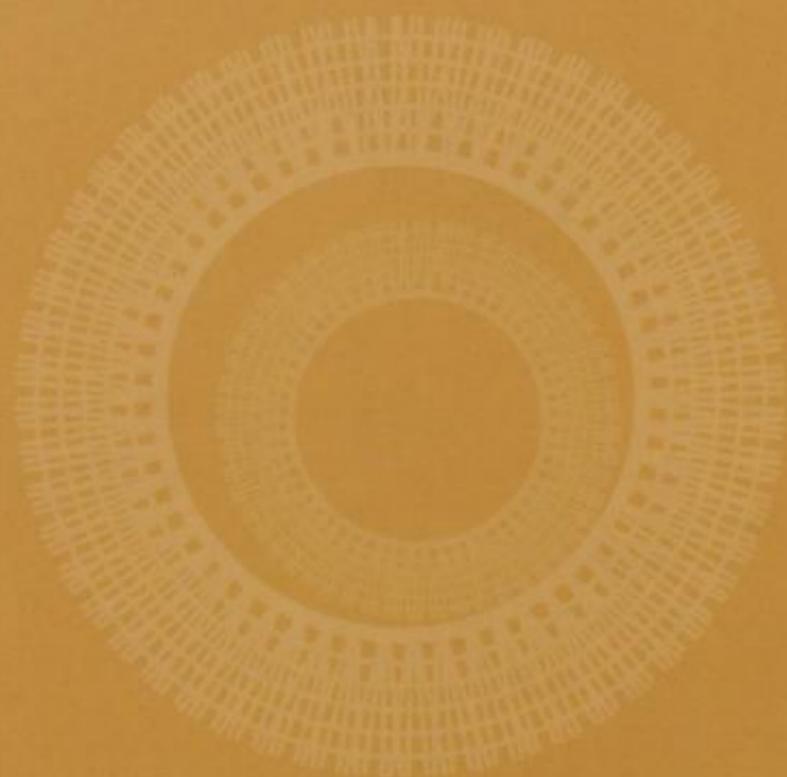


SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2005



**Orquestra Filarmônica
de Dresden**

Rafael Frühbeck de Burgos
Regência

Aqui tem sempre lugar
reservado para a cultura.



Cultura

A cultura voa nas asas da VARIG.



PATROCÍNIO
PROJETO VARIG

ASAS DA CULTURA



VARIG
Brasil

A STAR ALLIANCE MEMBER 

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2005



**Orquestra Filarmônica
de Dresden**

Rafael Frühbeck de Burgos
Regência

SOCA

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

promoção



patrocínio

Banco Safra



Telefônica



Companhia Brasileira de Corais
Votorantim



Votorantim

Orquestra Filarmônica de Dresden



As origens da Orquestra Filarmônica de Dresden remontam ao ano de 1870, quando da inauguração da primeira sala de concertos nessa cidade. Tal acontecimento permitiria ao público comum ter acesso à música chamada erudita, até então restrita aos salões da aristocracia. A partir de 1885, o conjunto passou a apresentar-se regularmente em Dresden e em 1915 recebeu a designação que conserva até hoje.

Os oitenta concertos anuais que a Orquestra realiza no *Kulturpalast* de Dresden fizeram dela o grande destaque da vida cultural da cidade e vêm atraindo milhares de visitantes àquela que é conhecida como a Florença do Rio Elba. Além das temporadas anuais de concertos em sua cidade-sede, onde é prestigiadíssima pelo público local, a Filarmônica de Dresden tem se apresentado também em algumas das mais importantes salas de música do mundo, em turnês que vêm levando o conjunto a inúmeras cidades alemãs, a vários países da Europa, a Israel, a países da América do Sul e a diversas cidades dos Estados Unidos.

A Orquestra Filarmônica de Dresden já recebeu em seu pódio compositores como Brahms, Tchaikovsky, Dvorák e Richard Strauss, que regeram o conjunto em execuções de obras de sua autoria, e também alguns dos mais renomados maestros de todos os tempos, como Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Bruno Walter, Fritz Busch, Arthur Nikisch, Hermann Scherchen,

Erich Kleiber, Willem Mengelberg, Otto Klemperer, Karl Anserl, Vaclav Neumann, Seiji Ozawa e Klaus Tennstedt.

Quanto aos solistas que já colaboraram com a Orquestra, destacam-se, dentre outros, Emil Gilels, Wilhelm Kempff, Elly Ney, Gidon Kremer, Ruggiero Ricci, Henryk Szeryng, Pierre Fournier, Mstislav Rostropovitch, Aurèle Nicolet, Maurice André, Bruno Leonardo Gelber, Rudolf Buchbinder, Frank Peter Zimmermann, Heinrich Schiff, Mischa Maisky e Christian Zacharias.

Dentre os músicos que já ocuparam a posição de Diretor Musical da Filarmônica de Dresden é imperativo lembrar os nomes de Paul van Kempen, Carl Schuricht, Heinz Bongartz, Horst Foerster, Kurt Masur – hoje Regente Honorário da Orquestra –, Günther Herbig, Herbert Kegel, Jörg-Peter Weigle, Michel Plasson – que liderou o conjunto de 1994 a 1999 – e Marek Janowski, que entre 2001 e 2003 esteve à frente do grupo na dupla função de Regente Titular e Diretor Musical.

Em sua Temporada 2003/2004, e até setembro de 2004, a Filarmônica de Dresden fez de Rafael Frühbeck de Burgos seu Principal Regente Convidado, colaboração que levou o maestro a assumir o posto de Regente Titular e Diretor Musical da Orquestra desde o início da Temporada 2004/2005.

fonte: <http://www.dresdnerphilharmonie.de>

Rafael Frühbeck de Burgos



Diretor Musical e Regente Titular



Rafael Frühbeck de Burgos nasceu em Burgos, em 1933. Estudou nos Conservatórios de Bilbao e Madri e aperfeiçoou-se na *Staatliche Hochschule für Musik*, onde foi aluno de composição de Harald Genzmer, discípulo de Paul Hindemith. Em 1950, recebeu o Prêmio Richard Strauss, e seu primeiro cargo como Regente Titular foi à frente da Sinfônica de Bilbao, assumindo mais tarde esse mesmo posto na Orquestra Nacional da Espanha, cargo que ocupou de 1962 a 1978.

Rafael Frühbeck de Burgos foi Diretor Musical da Cidade de Düsseldorf e ocupou a posição de Regente Titular da Orquestra Sinfônica dessa cidade e da Orquestra Sinfônica de Montreal. Ex-Principal Regente Convidado da Orquestra Yomiuri de Tóquio e da *National Symphony Orchestra* de Washington, já teve oportunidade de reger, como convidado, mais de cem orquestras sinfônicas na Europa, na América do Norte, no Japão e em Israel, bem como tem dirigido regularmente montagens operísticas nos principais teatros da Europa e da América do Norte. Mais de uma centena de gravações confirmam a reputação internacional de Frühbeck de Burgos, dentre as quais se destacam registros que se tornaram clássicos, como *Elias* e *Paulus* de Mendelssohn, *Requiem* de Mozart, *Carmina Burana* de Carl Orff, *Carmen* de Bizet, e as obras completas de seu compatriota, Manuel de Falla.

De 1991 a 1996, Rafael Frühbeck de Burgos ocupou o posto de Regente Titular da Sinfônica de Viena, e da Temporada 1992/1993 até junho de 1997 foi Diretor Musical da *Deutsche Oper* de Berlim; de 1994 a outubro de 2000 foi também Regente Titular da Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim, com a qual realizou turnê de sucesso ao Japão e a Taiwan, em 1994. Desde 2001 é Regente Permanente da Orquestra Sinfônica Nacional da *RAI* em Turim. Da Temporada 2003/2004 até setembro de 2004, foi Principal Regente Convidado da Filarmônica de Dresden, de que se tornou Regente Titular e Diretor Musical desde o início da Temporada 2004/2005.

Por sua contribuição à música e às artes, Rafael Frühbeck de Burgos tem sido agraciado com diversos prêmios e homenagens: em janeiro de 1994, a Universidade de Navarra concedeu-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*; em 1996, o Ministério Federal da Ciência, Intercâmbio e Artes da Áustria conferiu-lhe a Comenda de Prata pelos serviços prestados à República Austríaca; ainda em 1996, foi condecorado com a Medalha de Honra de Ouro da Associação Gustav Mahler de Viena; em fevereiro de 1997, conquistou o Prêmio Jacinto Guerrero, a mais alta distinção musical da Espanha, que recebeu das mãos da rainha; e em 1998, foi agraciado com o título de Regente Emérito da Orquestra Nacional da Espanha.

fonte: <http://www.dresdnerphilharmonie.de>

Mantenedores e Amigos – 2005

Mantenedores

Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Colégio Bandeirantes S/A
Estrela do Mar Participações
Fabio Carramaschi
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernão Carlos B. Bracher
George Gerard Arnhold
Henrique e Eduardo Brenner
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José e Priscila Goldenberg
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Lívio De Vivo
Luis Sthulberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Regina Yazbek
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Nelio e Izelinda Garcia de Barros
Nelson Zuanella
Plínio José Marafon
Raul Sergio Hacker
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto e Yara Baumgart
Ruy e Célia Korbvicher
Sonia Regina de Álvares O. Fernandes
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thomaz Farkas
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
2 mantenedores anônimos

Amigos

Afonso H. S. Sousa Jr.
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Alice Alves de Lima
Aluizio Guimarães Cupertino
Álvaro Oscar Campana
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
André Luiz Shinji Hayata
Anna Maria Tuma Zacharias
Anna Mariani
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA – Brasil Verde Design
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
César Tácito Lopes Costa
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Cláudio R. Cernea
Corina e Julio Revkolevsky
David Casimiro Moreira
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo M. Zobarán
Eduardo R. Melo
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elisa Wolynec
Fabio Konder Comparato
Fanny B. Levy
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Gerard Loeb
Gerry Lingfield
Giovani Guido Cerri
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Henrique B. Larroudé
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Mário Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jaime Pinski
Jairo Cupertino
Janos e Wilma Kovesi
Jayme Rabinovich
Jeanette Azar
João Baptista Raimo Junior
João Gomes Caldas *in memoriam*
Jorge e Liana Kalil
José Roberto Mendonça de Barros
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Lelena e Sérgio Mindlin
Lia Fukui
Lilia Salomão

Lina Saigh Maluf
Lucila Pires Evangelista
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Maol Empreendimentos S/C Ltda
Marcello Franco
Maria Adelaide Amaral
Maria Carolina Brando
Maria de Los Angeles Fanta
Maria Malta Campos
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Maria Tereza Gasparian
Marianne e Ruy George Fischer
Mario Higino N. M. Leonel
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Miriam Matile
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Neli Aparecida de Faria
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Paulo Yokota
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
RCS Auditores
Regina Weinberg
Ricardo Ramenzoni
Roberto Calvo
Roberto Mehler
Rogério Ribeiro da Luz
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Sandra Elks Cambur
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Tamas Makray
Tarcisio Vieira Ramos
Thyrso Martins
Ulysses P. Eduardo Jr.
Walter Ceneviva
12 amigos anônimos



Lista atualizada em 23 de setembro de 2005.

Orquestra Filarmônica de Dresden

Rafael Frühbeck de Burgos *Diretor Musical e Regente Titular*

Kurt Masur *Regente Honorário*

Anselm Rose *Diretor Administrativo*

Primeiros Violinos

Prof. Ralf-Carsten Brömsel (KV)
Heike Janicke (KM)
Prof. Wolfgang Hentrich (KM)
Dalia Schmalenberg
Eva Lüdenbach
Siegfried Koegler (KV)
Jürgen Nollau (KV)
Volker Karp (KV)
Prof. Roland Eitrich (KV)
Heide Schwarzbach (KV)
Christoph Lindemann (KM)
Marcus Gottwald
Ute Kelemen
Antje Bräuning (KM)
Johannes Groth
Alexander Teichmann
Annegret Teichmann
Juliane Ketschau
Na-Rie Lee

Segundos Violinos

Heiko Seifert (KV)
Cordula Eitrich
Günther Naumann (KV)
Erik Kornek (KV)
Reinhard Lohmann (KM)
Viola Marzin (KV)
Steffen Gaitzsch (KV)
Dr. phil. Matthias Bettin (KM)
Andreas Hoene (KM)
Andrea Dittrich (KM)
Constanze Sandmann (KM)
Jörn Hettfleisch
Dorit Schwarz
Susanne Herberg
Christiane Liskowsky

Violas

Christina Biwank (KM)
Hanno Felthaus
Piotr Szumiel
Beate Müller (KM)
Steffen Seifert (KV)
Gernot Zeller (KV)
Lothar Fiebiger (KV)
Holger Naumann (KV)
Steffen Neumann (KM)
Heiko Mürbe (KM)
Hans-Burkart Henschke
Andreas Kuhlmann (KM)
Joanna Sacharczuk

Violoncelos

Matthias Bräutigam (KV)
Ulf Prella (KV)
Victor Meister
Petra Willmann (KM)
Thomas Bätz (KV)
Rainer Promnitz (KM)
Karl-Bernhard von Stumpff (KM)
Clemens Krieger
Daniel Thiele
Rie Yamauchi

Contrabaixos

Prof. Peter Krauß (KV)
Tobias Glöckler (KM)
Berndt Fröhlich (KV)
Norbert Schuster (KV)
Bringfried Seifert (KM)
Thilo Ermold (KM)
Donatus Bergemann (KM)
Matthias Bohrig
Olaf Kindel

Flautas

Karin Hofmann (KV)
Mareike Thrun
Birgit Bromberger (KV)
Götz Bammes (KV)
Claudia Teutsch

Oboés

Johannes Pfeiffer
Undine Röhner-Stolle
Guido Titze (KV)
Jens Prasse (KM)

Clarinetas

Prof. Hans-Detlef Löchner (KV)
Fabian Dirr (KM)
Henry Philipp (KV)
Dittmar Trebeljahr (KM)
Klaus Jopp (KM)

Fagotes

Michael Lang (KV)
Joachim Huschke (KM)
Robert-Christian Schuster
Prof. Mario Hendel (KV)
Hans-Joachim Marx (KV)

Trompas

Jörg Brückner (KM)
Michael Schneider (KM)
Friedrich Ketschau
Volker Kaufmann (KV)
Peter Graf (KV)
Johannes Max (KM)
Dietrich Schlät (KM)
Carsten Gießmann

Trompetes

Andreas Jainz
Christian Höcherl
Csaba Kelemen (KM)
Roland Rudolph (KV)

Trombones

Prof. Olaf Krumpfer (KV)
Michael Steinkühler
Joachim Franke (KM)
Peter Conrad
Dietmar Pester (KM)

Tuba

Jörg Wachsmuth

Harpa

Nora Koch (KV)

Timpanos, Tambores e Percussão

Prof. Alexander Peter (KM)
Oliver Mills
Gido Maier
Axel Ramlow (KV)

Comitê Administrativo da Orquestra

Günther Naumann
Jörg Wachsmuth
Olaf Krumpfer

Coordenador Artístico

Martin Bülow

Inspetor da Orquestra

Matthias Albert

Montadores

Herybert Runge
Helmut Friemel
Gerd Krems

*KM = Kammermusiker
(músico de câmara)*

*KV = Kammervirtuos
(virtuose de câmara)*



**Benfeitores
Cultura Artística**

Benfeitores Platina

Banco Itaú S/A

Bovespa

**Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia**

Varig Brasil

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura S/A

Associação

"Sociedade de Cultura Artística"

Rua Nestor Pestana, 196 São Paulo SP

Fones (11) 3256 0223 / 3257 3261

Fax (11) 3258 3595

cultart@dialdata.com.br

Série Branca

1 de outubro, sábado, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Sinfonia nº 8, em Fá maior, opus 93

Allegro vivace e con brio

Allegretto scherzando

Tempo di Menuetto

Finale: Allegro vivace

intervalo

Richard Wagner (1813 – 1883)

“Tristão e Isolda”:

Prelúdio e Morte de Isolda

Richard Wagner

“Os Mestres Cantores de Nuremberg”:

Prelúdio do Terceiro Ato

Dança dos Aprendizes

Prelúdio do Primeiro Ato

Série Azul

2 de outubro, domingo, 21h

Johannes Brahms (1833 – 1897)

27' Sinfonia nº 3, em Fá maior, opus 90 36'

Allegro con brio

Andante

Poco allegretto

Allegro

intervalo

Ottorino Respighi (1879 – 1936)

Fontane di Roma (As Fontes de Roma) –

17' Poema Sinfônico para Orquestra 18'

La Fontana di Valle Giulia all'Alba

(A Fonte do Vale Giulia ao Alvorecer)

La Fonte del Tritone al Mattino

(A Fonte do Tritão pela Manhã)

La Fontana di Trevi al Meriggio

(A Fonte de Trevi ao Meio-dia)

26' La Fontana di Villa Medici al Tramonto
(A Fonte da Villa Medici ao Crepúsculo)

Igor Stravinsky (1882 – 1971)

L'Oiseau de Feu (O Pássaro de Fogo) –

Suíte do Balé 21'

Introdução: O Pássaro de Fogo e sua Dança;

Variação do Pássaro de Fogo

Ronda das Princesas

Dança Infernal de Kastchei

Acalanto

Finale

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2005 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Arcadi Volodos *Piano*

17 e 19 de outubro, segunda e quarta-feira

Schubert Sonata em Mi maior, D 157 e Sonata em Fá menor, D 625

Liszt Valée d'Obermann, de Annés de Pèlerinage, Ano 1;

Penseroso, de Annés de Pèlerinage, Ano 2;

Saint François d'Assise – La Prédication aux Oiseaux, n° 1
e Rapsódia Húngara n° 13 (versão Arcadi Volodos)

SCA



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

MAKSOU PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

25 Anos na Vanguarda da Hotelaria Brasileira



"Um dos 50 Melhores Hotéis do Mundo"
Hemispheres Magazine - Agosto 2000.

"O Melhor Hotel Independente do Mundo"
Wallpaper Magazine - Maio 2001.

"Melhor Hotel em São Paulo"
Latin Trade Magazine - Fevereiro 2004.

"O Melhor Hotel em São Paulo"
Euromoney Magazine - Julho 2004.

"Melhor Pavilhão de Eventos em Hotel da América Latina"
Latin Finance Magazine - Junho 2005.

No majestoso Atrium, o Centro Gastronômico aberto 24 horas oferece as mais amplas e criativas seleções para todos os momentos...

BRASSERIE
BELAVISTA



ARLANZA *grill*

**Eleitos os Melhores Restaurantes de São Paulo por
Votação Popular do "Guia da Folha de S. Paulo" - Dez/2003**

Conheça o **Jantar e Ficar**,
um programa diferente e muito especial,
só para Paulistanos.

Reservas Online: www.maksoud.com

Telefone: (11) 3145-8000 Fax: (11) 3145-8001 De fora de São Paulo: (0800) 134411

e-mail: maksoud@maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 - São Paulo / SP



Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)
Sinfonia nº 8, em Fá maior, opus 93

O ciclo das nove sinfonias de Beethoven já foi comparado ao teto da Capela Sistina, pintado por Miquelângelo. Na verdade, mesmo quando colocado ao lado dos ciclos congêneres que vieram antes e depois dele, o de Beethoven possui uma força única, poderosa, irresistível. Vendo essas obras em sua totalidade – sobretudo as de números ímpares –, pode-se chegar a ter a imagem metafórica de uma vertiginosa espiral endereçada para o alto, abrindo novos e desconhecidos domínios no universo musical. Desde que foram ouvidas pela primeira vez, essas Sinfonias têm enriquecido os seus ouvintes mais atentos e sensíveis.

Beethoven passou o verão de 1812 na estação de águas da Toeplitz, então bastante na moda, reunindo ali, em julho, a fina flor da aristocracia de Viena, Berlim e Praga. O compositor encontrava-se então de ótimo humor, em parte possivelmente graças à companhia da cantora berlinense Amalie Sebald, mulher de espírito alegre que conhecia de longa data e com quem mantinha um *flirt*. Isso, por certo, o fazia esquecer momentaneamente da “Amada Imortal”, misteriosa personagem de sua infeliz vida amorosa e que até hoje ninguém sabe quem foi. Assim, depois de haver completado a Sétima Sinfonia, a qual denominara de “Grande”, o artista colocou no papel essa nova obra, que apelidou de “pequena sinfonia”. Até os nossos dias a Oitava sofre quando comparada às demais

partituras do essencial monumento sinfônico do Mestre de Bonn. Isso, talvez, por ela não ser especialmente cósmica ou transcendental, e sim pelo fato de possuir uma fisionomia risonha como a de um antigo divertimento ou serenata. Mas não se pode negar que, nela, o compositor se mostra inteiramente maduro ao olhar, com uma boa dose de carinho prazeroso, para o modelo de sinfonia clássica que, na juventude, herdara do velho professor Haydn.

O vivaz e decidido *Allegro* inicial, em compasso ternário e na tonalidade básica da partitura, está repleto de contrastes de luz e sombra. Ele é balizado por um tom delicado e gracioso, cujo rendilhado às vezes explode sob a força dos *tutti*. Desde os primeiros compassos, esse movimento exibe um tema bastante rítmico e alegre, que fornecerá o clima geral da obra inteira. Evitando o esperado andamento lento, Beethoven colocou em segunda posição um *Allegretto* brincalhão, de tom saltitante e algo mecânico, na tonalidade de Si bemol maior. Para alguns comentadores, seu ritmo lembra o som produzido pelo metrônomo inventado por Mälzel a fim de marcar o andamento preciso das obras musicais. Vem depois o “obsoleto” *Tempo di Menuetto* que, em vez de costumeira aura palaciana, exibe um gingado um bocado rústico, campônês até. O andamento final, tão longo quanto todos os andamentos anteriores juntos, é um rondó bastante desenvolvido e repleto de peripécias que continuam a fazer a alegria das platéias da atualidade.



Revista **CONCERTO.**
A boa música mais perto de você.

Assinaturas tel. (11) 5535-5518
www.concerto.com.br

CONCERTO
GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

Richard Wagner (1813 – 1883)

“Tristão e Isolda”: Prelúdio e Morte de Isolda

“Os Mestres Cantores de Nuremberg”:

Prelúdio do Terceiro Ato, Dança dos Aprendizizes
e Prelúdio do Primeiro Ato

Wagner foi uma das mais fortes presenças no cenário musical europeu do século XIX. Gênio singular, provocou discussões pela radicalidade de suas propostas, que marcam profundamente o desenrolar posterior da arte da música do mundo ocidental. Sua nova concepção da ópera, como uma obra de arte total, levou-o a escrever o que denominava de “dramas musicais”, onde todos os elementos se solidarizavam de modo orgânico. Conseguiu até mesmo mandar construir um teatro destinado à encenação de suas obras, em Bayreuth. Ali, a “casa dos festivais” passou a atrair, anualmente, verdadeiras legiões de fanáticos “wagneritas” (a humorada expressão foi inventada pelo teatrólogo inglês Bernard Shaw). O teatro, construído com o dinheiro do rei Ludwig da Baviera, continua em plena atividade ainda hoje.

Procurando abolir os antigos “números” da cena lírica (árias, duetos etc), Wagner concebeu, na maturidade, uma espécie de “prosa musical” de longo alento, produzida pelo fluir sonoro proporcionado pela densa orquestra, ativa participante da ação mostrada no palco. Esse rico tecido musical passou a ser marcado por símbolos sonoros recorrentes, os “motivos condutores”, portadores de significação extra-musical. E esse discurso vê-se concretizado em um espaço harmônico extraordinariamente expandido, graças ao uso intenso do cromatismo. Por vezes, a escritura orquestral resulta tão ricamente urdida que leva o ouvinte à impressão de aí ouvir uma “melodia infinita”.

Tristão e Isolda, estreado em 1865, mais de uma década depois de ter sido iniciado, é um dos mais gloriosos “dramas musicais” do compositor e, é preciso que se diga, de toda a história da ópera. Sua temática – a do amor incomensurável de um par de amantes, tornado impossível e mortal pelos fatos da vida – é permanente e tocante. Ela provém de uma velha narrativa do século XIII, que o compositor transformou em um apaixonado e moderno poema. Seu Prelúdio inicial é com frequência tocado junto com a música da cena final do espetáculo, na qual *Isolda* acaba por morrer, transfigurada, sobre o corpo inerte do amado. A constante mutação do quadro harmônico, o fluir permanente de motivos que afloram e submergem na superfície sonora e a requintada polifonia dos elementos postos em jogo concorrem para dar a essas páginas algo do seu peculiar e muito sensual fascínio.

Os Mestres Cantores de Nuremberg, gigantesca comédia musical de 5 horas de duração, apresentada pela primeira vez no Teatro da Corte de Munique, data de 1868. Para o musicólogo Michel Schneider, essa ópera “é o anti-

doto ao veneno de *Tristão*. Depois do filtro da bruxa irlandesa, Wagner bebe a cerveja bávara”. Baseado em fatos, alguns deles historicamente comprovados, o espetáculo coloca em ação um torneio de canções realizado por uma congregação medieval de poetas-músicos, os trovadores alemães. Para evocar essa idade de ouro da arte germânica, Wagner concebeu uma música brilhante, repleta de temas facilmente memorizáveis, por vezes postos em simultaneidade em uma polifonia transparente e de grande impacto. No Prelúdio, o compositor entrelaçou as principais melodias do espetáculo, em um *trailer* de poderoso impacto.

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Sinfonia nº 3, em Fá maior, opus 90

Compostas durante a segunda metade do século XIX, as Sinfonias de Brahms demonstram possuir, ainda hoje, uma bela e um tanto ambígua fisionomia. Frutos do alto romantismo alemão – época das grandes efusões de temperamento, das exacerbadas confissões passionais –, todas elas, no entanto, parecem alimentar-se de outra atmosfera, bem mais comedida que aquela expressa por outras obras contemporâneas suas. Se, por um lado, o sentimento romântico se faz presente nessas sinfonias – através do caráter pujante da melodia, das poderosas explosões rítmicas, da variada cor orquestral e de uma harmonia cambiante e repleta de contrastes –, por outro lado há como que um sólido esteio, uma infra-estrutura formal rigorosa e clara que, ao exercer severo controle sobre a emoção expressa, remete-nos ao universo do Classicismo. Na verdade, em suas sinfonias Brahms jamais desejou ser um revolucionário, desses dispostos a criar uma nova linguagem a partir da rejeição do passado. Para ele, ao contrário, ainda existia todo um mundo a ser explorado dentro e para além das vias abertas pela tríade integrada por Haydn, Mozart e Beethoven.

Sob esse prisma, é possível afirmar que Brahms foi um clássico, já que, sem questionar externamente o aparato da forma sinfônica, propôs-se a dar continuidade a toda uma linha composicional muito rica, que ele via como uma ordem coerente a dar sentido ao seu próprio discurso, à sua própria necessidade de estruturar os sons. Mas, segundo esse mesmo raciocínio, não há como não se dar conta de que Brahms foi um autêntico romântico ao transfigurar, de dentro para fora, toda essa estrutura preexistente que, sem a presença de seu gênio, não passaria de mero exercício acadêmico.

Assim, do ponto de vista da forma, as Sinfonias de Brahms amplificam e transfiguram os modelos tradicionais. E o objetivo disso foi injetar nelas um novo cosmo expressivo, baseado na visão de que toda uma retórica anteriormente voltada para a enunciação dos dramas

coletivos – um dos ideais clássicos – poderia ser posta a serviço da revelação – contida, mas autêntica e profunda – do “eu” individual romântico.

A Sinfonia nº 3, em Fá maior, *opus* 90, foi composta em grande parte no verão de 1883 e estreada em Viena no mesmo ano, com enorme sucesso. Seu primeiro movimento, escrito em forma-sonata, contém três idéias básicas que impulsionam o discurso em pauta a um só tempo heróica e desabrida. O *Andante* que vem em seguida, dominado por um tema de enorme doçura, funciona como um ponto de repouso, depois da complexa tensão do *Allegro con brio* inicial. O andamento seguinte, *Poco allegretto*, exibe uma das melodias mais memoráveis do compositor, carregada de certa melancolia langorosa. O movimento final, marcado simplesmente *Allegro*, parte de uma introdução sombria e em tonalidade menor para, através de um motivo que lembra um coral, ganhar maior dramaticidade. De maneira surpreendente, todo o forte brilho orquestral é posto de lado, a fim de que a obra se encerre em um transparente *pianissimo*, repleto de majestade.

Ottorino Respighi (1879 – 1936) **Fontane di Roma (As Fontes de Roma) –** **Poema Sinfônico para Orquestra**

Aluno do russo Korsakov, o italiano Respighi apropriou-se do brilho orquestral do mestre, elaborando obras de enorme efeito. No fundo e a bem da verdade, a idéia do forte colorido instrumental desse artista é o ponto de confluência de uma série de elementos provenientes do Romantismo tardio de Richard Strauss e Gustav Mahler, da “alquimia sonora” inaugurada pelo “impressionismo” de Claude Debussy e do decorativismo orientalizante e espetacular de Nikolai Rimsky-Korsakov. Nesse sentido, a paleta respighiana representa bem uma época de transição estilística, na qual o artista procurou erigir sua linguagem a partir do já conhecido, procurando entretanto dar ao passado o seu toque pessoal, peculiar.

O Poema Sinfônico *As Fontes de Roma* foi concluído em 1916, depois de ter dado um bocado de trabalho ao autor. O frescor dos timbres e o lirismo simples, tipicamente italiano, são suas marcas mais evidentes. Elaborado em quatro movimentos interligados, esse amplo quadro sonoro pretende evocar visões de algumas das mais célebres fontes da capital italiana, como que flagradas em várias horas do dia.

“A Fonte do Vale Giulia ao Amanhecer” revela uma cena pastoral, na qual “manadas de gado passam e desaparecem na névoa úmida e fresca de uma alvorada romana”, informa o programa literário elaborado pelo músico. “A Fonte do Tritão pela Manhã” evoca uma cena mitológica, com multidões de náiades e tritões em correrias. A luz forte e clara da canícula incide sobre “A Fonte de

Trevi ao Meio-Dia”, iluminando a chegada da “carruagem de Netuno, puxada por cavalos marinhos e seguida de um cortejo de sereias”. O último movimento, “A Fonte da Vila Medici ao Crepúsculo”, ambienta-se na hora final da tarde, com cantos de pássaros, o respingar da água e o tranqüilo planger de um sino, que finalmente silencia, indo em direção ao silêncio dessa quente noite de verão.

Igor Stravinsky (1882 – 1971) **L’Oiseau de Feu (O Pássaro de Fogo) – Suíte do Balé**

O jovem compositor russo Igor Stravinsky, de apenas 28 anos, tornou-se uma celebridade internacional da noite para o dia, a partir da estréia do balé *L’Oiseau de Feu*, que o empresário Sergei Diaghilev montou com os seus *Ballets Russes*, em Paris, em junho de 1910. O libreto era uma adaptação de um velho conto folclórico eslavo, realizada pelo coreógrafo Michel Fokine. O trecho possuía, em fartas doses, o exotismo e as peripécias que acenderam de imediato a imaginação desse músico até então desconhecido. Em uma única frase, seu assunto pode ser resumido assim: aprisionado por um bondoso príncipe, o Pássaro de Fogo ajuda-o a libertar as princesas que se encontravam sob os sortilégios do maléfico feiticeiro *Kastchei*.

Aluno do mestre da orquestração Nikolai Rimsky-Korsakov, chamado pelo empresário para substituir o preguiçoso Liadov, Stravinsky concebeu para o espetáculo música a um só tempo moderna e espetacular. Curiosamente, escreveu melodias bem delineadas e harmonizadas com doçura para as personagens que viviam do lado do Bem. Em contrapartida, destinou à banda oposta, a do Mal, aterrorizantes dissonâncias e contorcidos melismas sonoros, bem orientais, que horrorizaram a parcela mais conservadora do público.

A partitura de *O Pássaro de Fogo*, além da estonteante juventude, exibe já algumas das marcas de um artista que logo se tornaria um dos nomes fundamentais da Modernidade musical. Entre elas se encontram: gosto pela assimetria, revelado tanto no plano melódico quanto rítmico, e atração por passagens intoxicadas de timbres orquestrais fugindo do convencional. Com seus dois balés seguintes – *Petrouchka* (1911) e *A Sagração da Primavera* (1913) –, Stravinsky se tornaria o compositor mais comentado da cena musical do início do século XX, uma espécie de Picasso da chamada arte dos sons.

Comentários por J. Jota de Moraes

Edição Rui Fontana Lopez

Design gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida

Tradução Eduardo Brandão

Fotos Divulgação

Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde

Fotolitos e impressão Blend Bureau / Gráfica Sonora

Telefônica, patrocinadora da
Sociedade de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA
INTERNET
SOLUÇÕES PARA
EMPRESAS
GUIAS DE PRODUTOS
E SERVIÇOS
CONTACT CENTER
PESQUISA E
DESENVOLVIMENTO
ENGENHARIA DE
SEGURANÇA
FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

Telefonica

- 25 e 26 de abril Teatro Cultura Artística
Antonio Meneses *Violoncelo*
- 12 e 19 de maio Teatro Cultura Artística
Combattimento Consort Amsterdam
Jan Willem de Vriend *Regência e Violino Solista*
- 21 de maio Teatro Cultura Artística
Thomas E. Bauer *Barítono*
Siegfried Mauser *Piano*
- 30 e 31 de maio Teatro Cultura Artística
Quarteto Guarneri *Cordas*
- 20 e 21 de junho Sala São Paulo
Lincoln Center Jazz Orchestra
Wynton Marsalis *Regência e Trompete*
- 29 e 30 de junho Teatro Cultura Artística
Il Giardino Armonico
Giovanni Antonini *Regência e Flauta Solista*
- 6 de agosto Sala São Paulo
West-Eastern Divan Orchestra
Daniel Barenboim *Regência*
- 8 e 9 de agosto Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de Israel
Zubin Mehta *Regência*
- 29 e 30 de agosto Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Nikolai Alexeev *Regência*
Elisso Virsaladze *Piano*
- 5 e 6 de setembro Teatro Cultura Artística
Accentus Coro de Câmara
Laurence Equilbey *Regência*
- 14 de setembro Teatro Cultura Artística
Balthasar Neumann Ensemble
- 1 e 2 de outubro Teatro Cultura Artística
Orquestra Filarmônica de Dresden
Rafael Frühbeck de Burgos *Regência*
- 17 e 19 de outubro Teatro Cultura Artística
Arcadi Volodos *Piano*

Programação sujeita a alterações.

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br



BANCO SAFRA.
TRADIÇÃO
TAMBÉM
EM CULTURA.



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança

apoiar a arte é uma questão de cultura

Votorantim está entre os maiores grupos econômicos do país com posição destacada em todas as suas áreas de atuação.

E ao longo de sua história, a empresa tem investido nas mais diversas formas de expressão artística.

O ato de criar, transformar, educar é essencial na natureza do homem. E a arte é a forma mais expressiva para revelar toda esta energia.

Por isso, o Grupo Votorantim acredita e investe em projetos culturais, contribuindo para o desenvolvimento social.



www.votorantim.com.br